



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

POR UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR DO MOVIMENTO FEMINISTA: O HOMEM COMO TERCEIRO TERMO INCLUÍDO.

Grasiela Augusta Moraes Pereira de Carvalho

Universidade Federal Rural de Pernambuco, grasielamoraiscarvalho@gmail.com

Resumo: o presente artigo propõe desenvolver uma visão transdisciplinar dos estudos de gênero com enfoque no estudo da(s) masculinidade(s), tendo em vista a crise da masculinidade operada pelo movimento feminista. A transdisciplinariedade, utilizada como fonte metodológica, tem seus pilares essenciais fundados na complexidade, na lógica do terceiro incluído e nos níveis de realidade; à medida que a concepção do movimento feminista, exige um olhar integrado entre disciplinas e a análise sob o ponto vista restritivo e reducionista da simplicidade. A proposta de pensar para além das fronteiras da disciplinariedade dissemina o ideal de que o feminismo também produz efeitos positivos para os homens. Assim, tornar o homem parte do projeto do movimento feminista, na condição de terceiro termo, respeitando questões práticas, é possibilitar a quebra do paradigma reducionista de que feminismo é uma luta contra os homens; quando, evidentemente, a luta se opera contra as desigualdades de gênero fixadas pelo patriarcado e reafirmadas pelo machismo.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade. Feminismo. Homens.

1. Introdução: Feminismo enquanto proposta transdisciplinar.

As descobertas em física quântica proporcionaram uma descoberta fascinante: a existência de vários níveis de realidade, colocando em xeque o dogma contemporâneo da essência de apenas um nível de realidade. Então, é percebida a necessidade de romper a lógica unidimensional que não permite outras possibilidades, desconfiando que as percepções não reconhecidas apenas não tinham sido catalogadas pelo pensamento científico, base para a construção da ciência e de suas compartimentadas disciplinas.

Na concepção de Akiko Santos, Ana Cristina Souza dos Santos e Américo Sommerman (2008, p.67) este foi o primeiro pilar da metodologia transdisciplinar: a percepção da existência de vários níveis de realidade contrapondo-se a ideia reducionista que dominava a ciência no século XIX.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Desta feita, o pensamento simplificador apenas é notado quando apresentam as carências, os limites e as suas ineficiências de lidar com a complexidade, que para o pensamento simplista seria “uma palavra problema e não uma palavra solução” (MORIN, 1991, p. 8). O Autor segue afirmando que:

A complexidade aparece certamente onde o pensamento simplificado falha, mas integra nela tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e, finalmente, ilusórias de uma simplificação que se toma pelo reflexo do que há de real na realidade (MORIN, 1991, p. 8).

E então, respeitando a complexidade que define e a alimenta, a transdisciplinariedade seria, pois, aquilo que dissolve e opera sobre os discursos homogeneizantes realizando suas modificações na ciência e na cultura (SANTOS, 2005).

O movimento/pensamento feminista atuou a partir da transgressão de paradigmas em que mulheres deveriam ocupar o espaço privado, dedicar-se ao cuidado do lar e dos filhos, sendo o homem responsável por tudo que havia para além do lar, para tudo que se desenvolvesse no âmbito do público.

Neste sentido, “o programa feminista é muito simples: [...] pede que as mulheres sejam livres para definir a si mesmas – em lugar de terem a sua identidade definida pela cultura e pelos homens que a cercam” (FALUDI, 2001, p.22).

O feminismo, pois, ao cruzar-se com várias áreas de conhecimento, erguei-se sob uma base transdisciplinar (LUCENA, 2014), desconstruindo os discursos de dominação que propõe a manutenção de privilégios e hierarquias baseadas em questões de gênero, raça/etnia, classe e etc. Assim:

Por muito tempo a intenção do feminismo parecia ser apenas a integração das mulheres como um sujeito político e social nos campo das ciências sociais, não que esse fator não seja importante, porém o movimento feminista buscava, além desse fator, a sua inclusão em diversos campos disciplinares



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ou aos paradigmas vigentes, a quebra ou um abalo nesses paradigmas (RIBEIRO, 2014, p.4).

As identificações entre o movimento feministas e o pensamento transdisciplinar possibilitou a modificação do papel da mulher, resultando assim em um processo paralelo de quebra de paradigma dominante (papéis preestabelecidos para os gêneros), fazendo surgir, portanto, o paradigma emergente: liberdade e equidade entre os gêneros.

As lições feministas passariam, sob a ótica transdisciplinar, a ser tidas como um meio de produção de saber que, apesar de não se enquadrar nas disciplinas tracionais, propôs a promoção da dissociação das mulheres a uma definição baseada em aspectos culturais que as submetiam a um espaço desigual, surgindo assim os estudos de gênero.

A concepção do movimento feminista, diante de sua complexidade, exige, pois, um olhar integrado entre disciplinas, “em que a transgressão da disciplina, a transdisciplinaridade, possa compreender os fenômenos sem o limite disciplinar” (NETO, 2010, p.31).

Desta forma, restam absolutamente evidentes os novos e funcionais contornos que a associação do feminismo com o pensamento transdisciplinar podem fazer surgir, desenvolvendo debates no que diz respeito aos estudos de gênero.

Porém, como se verá adiante, o que se propõe é, mais uma vez, à medida da transdisciplinariedade, superar os limites dos debates que se desenvolvem no âmbito dos estudos de gênero, propondo um novo olhar sobre a(s) masculinidade(s) - após a intervenção modificadora do feminismo no seio social - e, ainda, tornar evidentes os pontos em comum entre os homens, transdisciplinariedade e movimento feminista.

2. Objetivo (s):

O propósito do presente artigo é promover uma visão transdisciplinar dos estudos de gênero com enfoque na(s) masculinidade(s), tendo em vista a crise como resultado das modificações operadas pelo pensamento feminista e as conquistas que repercutiram na vida e na construção identitária das mulheres com as quais esses homens (em crise) se relacionam.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Este artigo apresenta-se como primeira construção da pesquisa intitulada “A participação dos homens em movimentos sociais promotores da igualdade de gênero e processo de (des)construção da masculinidade hegemônica: um estudo de caso na cidade do Recife”, integrante do programa de pós-graduação em Educação, Cultura e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco.

A redução do complexo ao simples é uma afronta à diversidade, uma negação ao tecido de acontecimentos a que estamos submetidos, tornando-os, o que Edgar Morin (1991) chamava de seres de inteligibilidade cega.

Apropriar-se de uma visão transdisciplinar - ou seja, a visão do complexo – representa atuar como a proposta de evitar uma visão unidimensional do movimento feminista, promovendo um olhar para diante, para aqui e além do que está posto.

3. Metodologia:

Em que se refere a produção ora apresentada, esta direciona ao processo de análise relacionada a conhecimentos transdisciplinares, ou seja, aqueles que possuem base em diversas disciplinas.

A complexidade dos fatos abordados neste artigo - perpassando desde a (des)construção da masculinidade hegemônica, como efeito das mudanças provocadas pelo movimento feminista, culminando na proposta da participação dos homens no movimento promotores de igualdade – exige deixar de lado pensamentos disciplinares e a análise sob o ponto vista restritivo e reducionista da simplicidade; que nada representa do que a escolha metodológica de uma disciplina única e hierárquica sobre as demais.

Como se verá adiante a metodologia transdisciplinar apresenta três pilares essenciais, quais sejam: a complexidade, a lógica do terceiro incluído e os níveis de realidade; a fim de construir um conhecimento aberto a outros tipos de produção de conhecimento que não apenas o científico ou disciplinado.

O compromisso a este tipo de metodologia, que admite a interação dos opostos (incluindo o terceiro), está vinculado à necessidade para acompanhar as mudanças da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sociedade, do qual não deu conta a metodologia simples da disciplinariedade, permitindo uma percepção sempre apta a romper o gesso da percepção simplista.

4. Pensamento fragmentado (sexo/gênero): aprendemos a pensar excluindo o Outro.

Inicialmente cabe invocar o ideal de que descrições ou visões de mundo, por mais revolucionárias que sejam, podem se aprisionar as relações de poder e assimetrias, e nesse processo de descrição entra a categoria gênero.

A perspectiva da categoria de gênero como produto da colonialidade permite tratar questões como a heteronormatividade, o capitalismo e o racismo como categorias que se retroalimentam (COSTA, 2012, p. 48).

Desta feita, nos definir “como homem ou mulher faz parte de um processo cultural e de socialização” (PERETTI; NOGOSEKE; SOUZA, 2011, p.2).

Assim, o que apenas uma diferença biológica (ou sexual) entre os gêneros (cultural) tornou-se, a partir da imposição do patriarcado e suas forças multifacetadas de dominação, uma diferença política e social que foi responsável pela relação desigual que permanece entre as mulheres e homens.

É exatamente contra a armadilha da redução que o feminismo atua, ao propor que os papéis de gênero não se limitam as imposições sociais aos quais foram historicamente construídos e que a dicotomia sexo (biológico) e gênero (cultural) é uma visão essencialista. A perspectiva da mulher além do privado e do reprodutor, invadindo o âmbito público e produtor, as recoloca para o desempenho de funções mais abrangentes e assim redireciona, em via reflexiva, a construção das identidades de gênero, tanto para mulheres quanto para os homens. Desta forma:

O questionamento do papel masculino e da sua função resulta dos estudos desenvolvidos na área da antropologia, sociologia e da psicologia social relativamente à mulher, isto porque não é possível focar-se o mundo feminino ignorando o mundo masculino. A finalidade dos estudos masculinos é a de compreender melhor o ser masculino e conseqüentemente a sua razão de ser numa sociedade cada vez mais feminista (PERETTI; NOGOSEKE; SOUZA, 2011, p.3).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Mesmo diante das inúmeras dissimulações de avanço desta sociedade androcêntrica, particularmente bem conservada, o ser masculino encontra-se na cilada de um processo longo e contínuo de autoconhecimento a partir de uma perspectiva cada vez mais feminista.

Assim, a simplicidade das reduções ontológicas concede espaço às perspectivas complexas da identidade, construindo assim novas conjecturas sociais, capazes de serem compreendidas apenas com auxílio de uma visão transdisciplinar.

A proposta efetiva da transdisciplinariedade é promover o pensamento sem barreiras, é romper as barreiras da disciplinariedade - ensinadas, aprendidas e reproduzidas – como meio de compreensão de fenômenos complexos.

Se por um lado, a ruptura do pensamento linear apresenta-se como objetivo para a transdisciplinariedade em relação a sua força operadora sobre a construção do conhecimento, por outro, a ruptura da visão binária e linear do gênero e seus papéis na sociedade, apresenta como propósito de atuação do feminismo.

O escanteio pensamento fragmentado exige a proliferação da visão complexa dos fatos e “uma abordagem consistentemente relacional do gênero, não em abandonar os conceitos de gênero ou masculinidade” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.251).

Desta feita, o apontamento em direção ao novo conduz como norte tanto para o feminismo como para a transdisciplinariedade – que não se operam por meio de exclusões – sendo ambas as propostas operacionalizadas por meio da transgressão e da revolução.

5. A crise da masculinidade: o processo de desconstrução do homem disciplinar.

O estudo sobre os homens numa problemática crítica acerca da dominação masculina nasce da perspectiva de que os homens e o masculino raramente são problematizados no estudo sobre gênero, o que para Daniel Welzer-Lang (2004, p.108) encontra explicação na lógica de que “as questões feministas pareciam numa certa época [...] dizer respeito apenas...às mulheres”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A aproximação dos homens a movimentos pró-feministas aparenta ser o resultado de jovens educados de forma mais libertária quanto as relações de gênero e hierarquização, a medida que as suas mães seriam fruto de uma geração mais próxima dos ideais feministas.

As transformações sociais impactaram na percepção que o homem possui de si mesmo e das suas relações sociais, em especial com as mulheres; tendo sido apresentado sintomas desse desconforto há décadas, desenvolvendo-se assim os estudos sobre masculinidade(s), enquanto representações de posições tomadas diante de praticas discursivas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.257).

Há, porém várias teorias do que efetivamente teria influenciado ou impulsionado a crise da masculinidade e por conseguinte o desenvolvimento de estudos nessa área. No entanto a perspectiva adotada remete a lógica de que “a participação das mulheres no campo do trabalho, do avanço da tecnologia no campo da sexualidade, da pluralidade de papéis e identidades sexuais, da redefinição do papel de pai, da maior preocupação com o corpo e com a estética” (PERETTI; NOGOSEKE; SOUZA, 2011, p.4) seriam os impactos operantes sobre a crise do ser masculino.

Em especial, opera-se um destaque ao feminismo¹ que impactou sobremaneira a ponto de “desestabiliza o modelo masculino tradicional e leva a repensar modelos de comportamento, teorias e discursos sobre a masculinidade” (PERETTI; NOGOSEKE; SOUZA, 2011, p.1)

Na opinião de Phillip Hodson (1986, p.3), “uma das principais razões da atual crise masculina vem do fato de que as mulheres têm sido mais bem-sucedidas em identificar a crise feminina”. Afirmo o autor que uma reavaliação da masculinidade operaria em favor dos homens, assim como o feminismo tem operado mudanças para as mulheres.

A quebra do paradigma de que apenas haveria um jeito de ser homem ou ser mulher habilita a dinâmica fundada na multiplicidade de formas de ser homem ou mulher, o que aflorou tensões e conflitos dignos de estudo. Assim, o feminismo possibilitava a abertura do campo das subjetividades também da masculinidade.

¹ O movimento de libertação gay reordenou as nuances sobre sexualidade e prazer, e assim como o feminismo, operava atrás da mudança de paradigmas sob o manto da liberdade do ser social.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Para a operacionalização da quebra do padrão de masculinidade - enquanto paradigma indenitário construído socialmente - precisou-se elaborar o conceito de masculinidade hegemônica a qual passou a ser entendida, na abordagem de Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013, p.245), “como um padrão de práticas [...] que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse”, onde a hegemonia “significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão”.

No entanto, mesmo ciente das estratégias políticas e das posições que poderiam ser ocupadas por homens, é sobre a prática da hospitalidade que pretende lidar a visão transdisciplinar.

6. A hospitalidade do homem no feminismo como prática transdisciplinar: a lógica do terceiro incluído.

A lógica clássica se classifica como binária à medida que estabelece apenas dois valores de verdade, sendo um verdadeiro (A é A) e outro falso (A não é $não-A$), não aceitando o axioma do terceiro termo, que é ao mesmo tempo A e $não-A$. Desta feita, sobre a tônica do terceiro termo, a simplicidade das posições binárias (A e $não-A$) cede espaço para a complexidade, permitindo perceber as relações para além das suas simplicidades.

No entanto, desde já cabe mencionar, que a lógica do terceiro incluído, ora utilizada, não elimina a lógica do terceiro excluído, que tem sua validade limitada a situações extremamente simples; como, por exemplo, a circulação de veículos em uma via, em que há apenas dois sentidos: um permitido e um proibitivo.

Ademais, como estamos lidando com relações e os reflexos sociais operados por um movimento social, como o feminismo, a complexidade exige a validade da lógica do terceiro incluído para a sua compreensão. Assim:

[...] a lógica do terceiro excluído é nociva nos casos complexos, como, por exemplo, o campo social ou político. Ela age, nestes casos, como uma verdadeira lógica de exclusão: bem ou mal, direita ou esquerda, mulheres ou homens, ricos ou pobres, brancos ou negros. Seria revelador fazer uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

análise da xenofobia, do racismo, do anti-semitismo ou do nacionalismo à luz da lógica do terceiro excluído (NICOLESCU, 1999, p.9).

No que concerne ao movimento feminista e a participação do terceiro incluído, fica fácil perceber onde o homem se enquadraria. Na lógica feminista clássica (respeitável, revolucionária e a qual não se destina atacar) a mulher seria o *A*, e o que não fosse mulher seria o *não-A*. Certamente, é notória a simplicidade e o binarismo presentes nesta afirmativa.

Neste contexto, pois, entra a visão transdisciplinar; a visão complexa que se pode extrair do movimento feminista. Como visto acima, homens foram atingidos por respingos da luta feminista, vivenciaram a modificação do pensamento feminino e estão inteiramente relacionados à construção identitária dessas mulheres.

A inter-relação havida entre os gêneros, a disseminação do pensamento feminista, ganhando espaço nas escolas e dentro das residências, operou sua força propulsora sobre os homens, permitindo a desconstrução da masculinidade hegemônica, a descoberta de novas masculinidades, a liberdade sexual, a revisão de privilégios e, finalmente, a identificação com a ideologia de igualdade promovida pelo feminismo.

Este alinhamento com as ideologias feministas, porém, fizeram os homens perceber que aquele homem disciplinar, vinculado à sua masculinidade, normalmente e naturalmente imposta, na verdade precisava de liberdade; como prometia às mulheres a ideologia libertadora do feminismo.

Porém para que se realize uma prática transdisciplinar se faz necessário diálogo, evitando, assim, que haja a redução ontológica dos gêneros que nega a perspectiva da identidade e suas especificidades e alteridades.

O intento dos estudos de gênero, em sua concepção mais complexa, combinando com a transdisciplinariedade da perspectiva proposta, é a promoção de modificações na dicotomia entre os gêneros, alertando a evidente noção de que tais estudos não se propõem, somente, a tratar do renascimento dessa nova mulher, mas também “pretendem chamar atenção para o fato de que, de maneira simultânea, é preciso que os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

homens aceitem participar da construção de uma nova masculinidade” (PERETTI; NOGOSEKE; SOUZA, 2011, p.5).

Assim, o acolhimento dos homens em movimento sociais promotores de igualdade entre os gêneros, que aceitem a (des)construção do padrão da masculinidade, evidencia o papel essencial da hospitalidade na atitude transdisciplinar, a medida em que “sem a hospitalidade, fatalmente cairemos na inter ou multidisciplinaridade” (NETO, 2010, p.39).

Portanto, homens rompem com seus contextos disciplinares, assim com fizeram as mulheres – evidenciando a dominação disfarçada e naturalizada – adotam perspectivas mais transdisciplinares para construir novas identidades.

7. Considerações finais:

O debate entre esses dois temas – transdisciplinariedade e feminismo – produz alguns resultados, complexos, de validade limitada a este nível de realidade, não se aplicando a demais níveis.

Desta feita, todas essas normas sociais que são depositadas sobre as mulheres e sobre os homens, que foram ‘notadas’ com as mudanças impostas pelo olhar feminista sobre a sociedade, além de outros eventos², apenas são possíveis de ocorrer neste nível de realidade em que nos encontramos, a medida que apenas nesse nível há a ação de um número de leis gerais sobre esse conjunto de sistemas.

Pensar de forma inseparável as categorias de gênero, à medida que através da relação com o outro nós nos formamos e formamos um sistema social, é pensar para além das fronteiras da disciplinariedade produzindo a tônica de que o feminismo também produz efeitos positivos para os homens.

Desta feita, o feminismo teria muito a proporcionar aos homens e mais diretamente a promessa de relações sociais com a premissa do respeito mútuo e a igualdade entre os gêneros.

Muitos podem chamar de discurso vitimário o qual afirma que homens nem sempre estão na condição de dominadores, apesar de evidente que o poder é relacional. No entanto, a sugestão proposta pela relação promissora entre o feminismo e a

²Os demais eventos não são ignorados, nem desconsiderados. Contudo a análise direciona uma atenção especial aos impactos sociais causados pelo desenvolvimentos de programas que promovem a igualdade de gênero.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

transdisciplinariedade é deslocar mulheres da condição de vítima e homens da condição de algoz; que atualmente se mostram como lugares estáveis e imutáveis.

Propõe-se, mesmo que embrionariamente, evidenciar a ligação havida entre a participação dos homens em movimentos promotores de gênero e a transdisciplinariedade, tendo em vista o aumento de declarações pró-feministas emitidas por homens.

As questões dogmáticas e práticas que impedem/dificultam a participação masculina devem ser enumeradas e discutidas tendo em vista sempre o complexo e o que está para além do que é posto; sob o perigo de não o fazendo tornar o feminismo um movimento disciplinar, simples, tanto quanto os dogmas que pretende desconstruir.

E mais, tornar o homem parte do projeto do feminismo; respeitando, certamente, a representatividade, o poder de decisão e voz das mulheres, é operar a ideia de construção conjunta de um projeto em prol da sociedade, sem separatismo, comprovando que o feminismo não é uma luta contra os homens, mas, evidentemente, contra as desigualdades impostas pelo patriarcado e reafirmadas pelo machismo.

Assim, pensar de forma transdisciplinar exige a receptividade da presença do outro, sem mutilações, fazendo uso daquilo que de fato interessa que, no caso dos homens para com o feminismo, é a reorientação da sua visão de mundo, em oposição ao discurso social, que apenas nutre e reforça as diferenças de gênero, e a conscientização (e revisão) dos privilégios garantidos ao sexo masculino.

6. Referências bibliográficas:

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, mai. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>>. Acesso em: 20 Jul. 2015.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. **Portuguese Cultural Studies**. Volume 4. [S.l.]: 2012. Disponível em: <<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFOUR/PVOLUMEFOURPAPERS/P4DE LIMACOSTA.pdf>>. Acesso em: 20 Jul. 2015.

FALUDI, Susan. **Backlash**: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Tradução de Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LUCENA, Aline Paiva de. Por uma leitura indisciplinada. Anais do Fórum dos Estudantes. **VI Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, 2014. Disponível em:<
http://www.gelbc.com.br/pdf_anais_forum_estudantes/anais_2014/aline.pdf> acesso em: 18 jul. 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Coleção Epistemologia e sociedade. Tradução Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NETO, Moysés da Fontoura Pinto. O que significa pensar a transdisciplinaridade? Os fundamentos éticos do encontro de disciplinas. **Trama Interdisciplinar**. Ano 1. Vol.1. 2010. Disponível em:<
<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/viewFile/2137/1487> > Acesso em: 15 jul. 2015.

NICOLESCU, Basarab. Um novo tipo de Conhecimento: transdisciplinaridade. 1º Encontro Catalisador do CETRANS – Escola do Futuro – USP. **Anais eletrônicos...** Itatiba, São Paulo: abril de 1999. Disponível em:<
<http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/conhecimento.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

PERETTI, Célia; NOGOSEKE, Elizabet Terezinha Castaman; SOUZA, Osnilda Maria. A crise do masculino e o desafio que o feminismo coloca à masculinidade. Encontro de bioética do Paraná – Vulnerabilidades: pelo cuidado e defesa da vida em situações de maior vulnerabilidade. 2, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Champagnat, 2011, Disponível em:<
<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/CONGRESSOBIOETICA2011?dd1=4626&dd99=view>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

RIBEIRO, Tamires Almeida. Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação. GT6 – Questões de Gênero na Educação Científica. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, Universidade Estadual de Londrina**. Maio de 2014. Disponível em:<
http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6_Tamires%20Almeida%20Ribeiro.pdf>. Acesso 18 jul. 2015.

SANTOS, Akiko. O que é transdisciplinaridade. **Rural Semanal**. Informativo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ano XII. Nº 31 e 32 (agosto e setembro). Parte I e II. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2005. Disponível em:<
http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/O_QUE_e_TRANSDISCIPLINARIDADE.pdf> Acesso em: 15 jul. 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SANTOS, Akiko; SANTOS, Ana Cristina Souza dos; SOMMERMAN, Américo. Conceitos e Práticas Transdisciplinares na educação. Brasília, Setembro, 2008. In: SANTOS, Akiko; SOMMERMAN, Américo (Orgs). **Complexidade e transdisciplinariedade: em busca da totalidade perdida. Conceitos e Práticas na educação**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.